

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — *Affonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Liçoa: cada numero, pago no acto da entrega... \$o3o réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... \$200 * Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... \$200 * Numero avulso..... \$o4o *	N.º 58	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Já aqui prestámos homenagem ao glorioso escritor extinto, que encheu de luz uma cova, e encheu de lucto um paiz¹.

Julgámos ocioso acrescentar uma palavra ao que então dissemos da sua obra tão vasta, tão alta e tão portugueza.

Como obscuros recruta da legião onde elle era um dos marechaes, a nossa penna cruza-se em funereal; quanto ao nosso espirito, esse saúda o grande espirito que nos deixou, e que vive, de hoje para sempre, no constellado horizonte da immortalidade.

¹ Vej. o n.º 47, pag. 177 e seguintes.

AFFONSO VARGAS.

O ANNO TRAGICO

Creemos que foi assim que um grande, grandíssimo poeta classificou para nós este terrivel anno de 1890, ao commemorar o outro dia na camara, que se honra de o ter por membro, a morte de Camillo Castello Branco.

Os optimistas da situação e do paiz acharam com certeza uma liberdade poetica esta afirmação mencoderia de Guerra Junqueiro; mas os optimistas enganam-se, infelizmente para elles—e para nós, e cremos ter realmente soado a hora em que um facto qualquer tende a determinar um modo de ser novo n'esta infeliz e anarchisada patria.

As irregularidades, aos erros, ás imprevidencias de casa, vem addir-se agora as ambições, as injustiças e os propositos, ou antes despropositos dos de fóra, e nós achámo-nos na situação angustiosa e unica de não encontrar para nos valer senão quem nós suprima ou nos opprima.

É a Inglaterra ameaçando-nos na integridade do nosso solo, e dando á civilisação e ao mundo o mais vergonhoso exemplo dos seus sentimentos de lealdade e de cavalheirismo.

É a livre e gloriosa America, da qual rezam gazetas que tem um tal excedente de riquezas que começa a soffrer de plethora, fazendo sua a causa de um qualquer seu aventureiro cidadão, e produ-

rando extorquir-nos dezenas de contos pelo famigerado caminho de ferro de Lourenço Marques.

Finalmente, parece que é a Alemanha relembando agora quaesquer compromissos no exclusivo da fundação, generalisação, ou o quer que seja de uma dada industria, e ao que parece diligenciando valorisar os seus direitos de preferencia.

E isto succede-nos quando a França se aliena de nós, em virtude das oscillações do chamado equilibrio europeu, que parece a appproxima agora da Inglaterra, que por seu turno se appproxima da Russia, a qual faz causa commum com a França, que igualmente não sente já um tão inveterado odio pela Alemanha, que esta por sua vez está nas melhores relações com a Italia, que, etc.

Seria um verdadeiro labyrintho este em que nos perderíamos se quizessemos attentar no mobil secreto de todas estas appproximações e reviravoltas, e não lograríamos ficar sabendo cousa alguma de util, a não ser que só podemos contar connosco, se isso mesmo é presumivel.

Não faltam prophetas, nem sabios que queiram explicar todas estas mirificas e extraordinarias cousas, por varias leis do seu conhecimento—e do da historia, mas os taes prophetas e os taes sabios enganam-se ás vezes, como os simples ignorantes, e conven p'or isso não ir demasiado atrás das syntheses.

Assim, por exemplo, ha quem avenge que a idéa dominante no actual momento é fazer desaparecer Portugal, que se uniria á Hespanha, a qual voltaria a occupar o seu lugar de grande potencia, determinando este facto a declinação da Inglaterra, que perderia a hegemonia do Mediterraneo, e que ficaria confinada aos seus naturaes limites, isto depois da Hespanha ter readquirido Gibraltar.

Diz-se tambem que as chamadas grandes potencias—que ás vezes são pequenas parecem,—auxiliariam ou auxiliariam toda esta contradança politico-geographica, a troco de varias compensações aqui e na Africa, entrando nós como elemento compensador, isto é, em termos mais claros, sendo nós quem fazemos as despesas da festa.

Diz-se mais... mas para que estar a reproduzir para aqui o que mais se diz? O que é importante conhecer é que nós, corpo colectivo e autonomo, que se chama Portugal, estamos ameaçados a serio,

como só uma vez o estivemos acaso, isto precisamente quando essa enorme leria que se chama o direito internacional parecia ter delimitado claramente as imunidades e os deveres dos povos, e quando, ao que se diz, a paz nunca esteve tão assegurada e a civilização tão alta.

É certo que não acreditámos em absoluto n'isto tudo, e no que de mais pessimista ainda se afirma e prognostica, porque por felicidade surgem sempre coefficients de correcção imprevisíveis e providenciaes, que n'um simples momento alteram ou destroem esse proclamado equilibrio europeu, o qual é um equilibrio perfeitamente instavel, alterando-se e destruindo-se com elle as previsões que se tenham feito, não sendo por isso um caso desesperado a nossa existencia como nação livre.

Mas, infelizmente, é por igual certo que a politica geral tem varios e complicados alçapões, por um dos quaes nós poderemos desaparecer, se não fizermos todo o nosso empenho, e especialmente todo o nosso tacto em estudar as configurações e relevantes d'esse falsissimo terreno, trazendo para o estudo da orographia social as nossas especiaes faculdades de intuição e de critica.

A nosso ver, um dos problemas que mais devem occupar os estadistas dignos d'esse nome — e não aquellos que eventualmente, por uma errada marcação ou por um imperdoavel descuido estejam na scena publica portugueza — é o de, proseguindo o afastamento da Inglaterra, que deve ser definitivo e seguro, estudar, primeiro dentro da nossa raça, e só em circumstancias extremas fóra d'ella, aquelle paiz ou grupo de paizes com quem mais nos convenha estreitar relações, e que possam ser um penhor seguro de alliança e um auxiliar eficaz n'algunha hora difficil.

O que foi até hoje isto tudo com a nação que pomposamente chamavamos a *nossa fiel amiga* cremos que já ninguém o ignora depois das curiosas e edificantes revelações que os eruditos nos têm feito, e das surpresas que a cada passo a Historia nos vae revelando; e por isso acreditámos que não haverá já ministro portuguez digno d'este ultimo nome, que ouse em pleno parlamento ou em qualquer acto publico invocar pactos que solemnemente se quebraram, ou alimentar esperanças que seriam traidoras e que feririam a nossa dignidade e o nosso pundonor.

O que serão as ligações com povos sem identidade de aspirações, mas com identidade de interesses, não o podemos nós prever.

Em todo o caso figura-se-nos que os perigos subsistem os mesmos, pois desde que o egoismo parece tender a predominar cada vez com mais latitude nas relações internacionaes, e desde que mesmo sem ambições communs dois povos podem ser inimigos encarnicados, quando as tiverem não saberemos então onde irão parar e quem os ha de conter.

Depois, com esta *febre de Africa* que accommetteu agora todos os paizes, e que está quasi no seu maximo, nós, que ainda lá temos um vasto imperio, somos uma presa cobiceavel e tentadora; e se não poderem espoliar-nos *por bem* fal-o-hão á força, ou pelo menos tentarão fazel-o.

Não é facil a empreza, e folgámos immenso nós, theoreticos, em ver que é esta igualmente a opinião dos praticos que têm sustentado, perante quem ha querido ou sabido ouvi-los, que ainda hoje em Africa poderiamos ser nós e *só nós* os senhores.

Quanto á nossa situação na Europa se é má, no que todos temos culpas, não cremos que seja desesperada, e com juizo e sciencia da parte dos que governam, e civismo e zêlo da parte dos governados, poderia ser rasoavel, pelo menos o bastante para manter em respeito as impaciencias mais insoffridas de algum absorpsor.

Todavia o anno é tragico para nós, porque, mais que as causas externas, coincidem aqui os symptomas internos de uma lamentavel indisciplina mental, de um absoluto desprezo pelos eternos principios de liberdade e de democracia, que uma pseudo-escola scientifica cynicamente procura desvirtuar agora, sem se recordar, pois certamente não ignora, que esses principios são seculares em Portugal, e apenas têm tido uma ou outra intercadencia; e finalmente porque com o nosso ensino cada vez mais desorganizado, com a nossa politica a todos os instantes tristemente baralhada, e com a nossa apathia, que é talvez uma adiantada enfermidade organica, que nos feriu nos centros vitaes, quasi que até perdemos a divina e preciosa faculdade de ser sensiveis aos ultrajes e ás invectivas, e como que temos embotado o sentimento da altivez.

Olhem os senhores para o estado de indifferença que vae desde o cynismo até á idiotia, com as varias notas que existem n'esta escala, e em que mergulhámos todos depois de alguns dias de salutar e generosa excitação; vejamos os *protestantes* a engulirem ou a esconderem na maioria os seus protestos, os patriotas a voltarem-se de novo para o inimigo que lhes escarrrou nas faces, os politicos a cortejarem talvez a nação que fez peor que insultar-nos porque nos achinalhou, e todos em summa a procurarem esquecer a data de 11 de janeiro, como procura esquecer-se um pesadelo, em lugar de a terem sempre bem viva; e digam se isto tudo não é triste, profundamente, dolorosamente triste!

Acreditámos, porém, que é este um colapso de que havemos de acordar, porque tambem, se não acordarmos, então é porque esse colapso é prenuncio de uma catastrophe maior — a do nosso desaparecimento como nação.

Cremos até que chegou a hora da crise, que nos povos, como nos individuos, pôde ser salvadora ou mortifera; mas o que vivamente desejaremos é que ella nos redima e nos desperte, não dando razão aos corvos que de varios pontos andam a crocitar em volta de nós, como se Portugal já fosse um cada-ver...

Não, não é ainda, e fiámos que não será.

AFONSO VARGAS.

Frequente é a mão que dá, por ostentação, esmola ao pedinte; rara a que a leva, por virtude, ao albergue da miseria.

A optica serve-se das lentes concavas para diminuir os objectos; das convexas para os augmentar: olhámos por aquellas para os nossos defeitos; por estas, para os alheios.

MORAES CARVALHO, Aphorismos.

UM NOVO DOCUMENTO Á CERCA DE GUTENBERG

Testemunho de Ulrich Gering, o primeiro impressor parisiense, e dos seus companheiros em prol do inventor da imprensa

Em o numero de 10 de outubro (de 1883) o *Livro*¹ apresentou-nos as primicias de um artigo do sr. Dutuit consagrado á interessante questão de quem fôra o inventor da imprensa, extrahido do *Manual do amador de estampas*, em que o rico bibliographo rouennetz trabalha desde longos annos.

Agrupou o auctor com assaz de lucidez, comparando-os com grande sagacidade, os textos dos principaes documentos conhecidos, pondo de parte discretamente, a exemplo do sr. Hessel, as peças apocryphas ou suspeitas. A sua conclusão muito sensata importa uma opinião imparcial, que será accetida, embora com alguma reserva, por quem não estiver obcecado pelo espirito de nacionalidade.

Foi nos Paizes Baixos que evidentemente se tentaram os primeiros ensaios de impressão. Ou seja no genero de impressão fixa ou tabularia, ou, mais tarde, fazendo-se uso de letras separadas umas das outras, gravadas em madeira ou em chumbo, ou mesmo fundidas por processos imperfeitos, o facto é que do que se concordára em chamar escola hollandeza de Haarlem só restam productos de uma arte rudimentar.

A historia referida por Junius, de certo operario de nome João, que em a noite de Natal roubára os typos e utensilios de Coster, e estancára com a sua preza, primeiro em Amsterdam (que nenhuma importancia tinha então), depois em Colonia, e por fim em Mogúncia, onde imprimira desde 1442 livros similhantes aos de Coster, com os caracteres e o material subtrahidos ao seu antigo patrão, é de todo o ponto inverosimil, e deve ser considerada como uma fabula. Não tem nenhuma correlação com a lenda d'esse operario infiel o invento de um homem de genio, o verdadeiro segredo pratico da impressão com caracteres moveis, tal como foi descoberto em Mogúncia.

O mais verosimil, é que desde a primeira metade do xv seculo, n'uma data acaso mais antiga do que se pensa, em diversas localidades, assim nos Paizes Baixos, como nas margens do Rheno, em Allemanha, se occupassem caladamente de descobrir os meios de reproduzir a imagem e de a multiplicar, assim como a escripta, por meios materiaes e mechanicos, sem o auxilio da penna.

Na notavel obra do sr. Hassel á cerca de Gutenberg (pag. 7) encontram-se alguns nomes de artistas n'este genero de industria, com datas certas e indicação das cidades em que residiam. No seu *Catalogus episcoporum Argentinensium*, Wimpfeling conta-nos, que Gutenberg, perdida a primeira demanda, e chegando a Mogúncia em 1442, ali topára individuos investigadores fazendo ensaios n'esta arte como elle, *in hac arte investiganda similiter laborantes*.

N'isto de impressão é de crer, que ao principio se servissem de processos informes. A inesperienza de uns podia bem aproveitar a outros, que, como é natural, lidariam por evitar o mau exito. Assim, de melhoração em melhoração, se foi adquirindo experiencia. Recomeçaram os primeiros ensaios, mal combinados, com os quaes se não obtinha resultado apreciavel, partindo-se de uma base nova por processos melhores. Um homem mais intelligente, laborioso, e por meio de estudos proprios, pôde descobrir o verdadeiro segredo pratico desde muito tempo procurado, crear mesmo, com elementos conhecidos, mas menos convenientemente empregados, uma arte e uma industria nova, de que será, na realidade e em bom direito, declarado inventor pelo seus contemporaneos. Quanto mais maravilhosas applicações tivesse o invento, tanto mais lh'o disputariam aquellos que não haviam podido conseguir resultado algum pratico.

Tal é o caso de Gutenberg, em nosso entender. O documento que abaixo transcrevemos, e não foi conhecido de historiador algum da imprensa, tem uma importancia capital, porque n'elle é reconhecido Gutenberg verdadeiro inventor da typographia como hoje a conhecemos.

Em uma carta do saboyano Guilherme Fichet, dirigida a Roberto Gaguin, carta inserta em alguns exemplares da obra intitulada *Gasparini Pergamentis orthographia liber*, no formato de 4.º pequeno, segundo livro impresso em Paris (fol. 2 v.), lê-se a passagem seguinte, que aqui transcrevemos e depois commentaremos:

«... Magnum lumen novorum librorum genus attulit quos nostra memoria (sicut quidam equus Trojanus) quoquo versus effudit Germania. Ferunt enim illic, haut (sic) procul a civitate Mogontia, Joannem quemdam (sic) fuisse cui cognomen Bonemontanum qui primus olim impressoriam artem excogitaverit quare non calamo (ut prisici quidem alii) neque penna (ut nos fingimus), sed areis litteris libri (sic) fingunt et quidem expolite, polite et pulchre. Dignus sane hic vir fuit quod omnes Musæ, omnes artes omnesque eorum lingue quæ libris delectantur divinis laudibusque ornent eoque magis Dis Deabusque antepontur... Atque ut... prima Ceres unco glebam dimovit aratro, prima dedit fruges alimenticia terris. At Bonemontanus iste longe graviora divinioraque invenit quippe qui litteras ejusmodi exculpsit quibus quidquid dici aut cogitari potest propediem scribi ac transcribi et posteritatis mandari memoriae possit. Neque præsertim hoc loco silebo qui superant jam magistrum quorum Udalricus, Michael ac Martinus principes esse dicuntur qui jampridem Gasparini epistolâ impresserunt quas Joannes Lapidanus emendavit. Ædibus Sorbone raptim a me kalendis Januarius diluculo scriptum...»

Ninguém pôde contestar o valor d'estas linhas. Importam o elogio em regra da imprensa e do seu inventor. São o testemunho authenticos dos fabricantes de livros por um novo processo, *novorum librorum genus*, segundo a expressão de Fichet, tão numerosos como os guerreiros que surdiram outr'ora do ventre do cavallo de Troia, os quaes vieram de Allemanha para derramar a luz por toda a parte: *magnum lumen... attulit quos nostra memoria (sicut*

¹ *Le Livre*, revue du monde littéraire, archives des écrits de ce temps, 4ª année, nº 46.

quidam equus Trojanus) quoquo versus effudit Germania.

Que dizem esses estrangeiros, esses recémchegados? Dizem a quem quer ouvi-los, propagam aqui mesmo em Paris, a nova, *ferunt enim illic*, de que um certo João, cognominado Gutenberg: *Joannem quendam fuisse cui cognomen Bonemontano, fôra quem primeiro, e desde muito tempo, inventára a arte de imprimir; qui primus olim impressoriam artem exco-gitaverit*, não longe da cidade de Mogúncia: *haud procul a civitate Mogontia.*

Isto é claro e preciso. Fichet estabelece em seguida o paralelo entre a deusa da agricultura, que alimenta o genero humano, e o inventor das letras de metal (*æreis litteris*), isto é, dos caracteres moveis, e colloca este ultimo acima de tudo, mesmo dos deuses e das deusas da antiguidade, *dignus sane hic vir fuit quod omnes Musæ, omnes artes omnesque eorum linguæ quæ libris delectantur divinis laudibusque ornent eoque magis Dis Deabusque antepontatur.* Ceres, diz elle, traçando os primeiros sulcos com a charrua, ensinou os homens a sustentar-se dos fructos da terra: *prima Ceres unco glebam dimovit aratro, prima dedit fruges alimentantia (sic) terris*; mas Gutenberg prestou maiores serviços, serviços mais que divinos, pois que conseguiu gravar essas letras com que pôde transmittir-se á posteridade tudo o que se diz e o que se pensa: *at Bonemontanus iste longe gratiora diviniorque inventi, qui litteras ejusmodi exculsit quibus quidquid dici aut cogitari... posteritatis mandari memoria possit.*

Fichet, proclamando Gutenberg o verdadeiro inventor da arte typographica, fazia-se echo da voz publica. Quem são os que nominativamente garantem o seu asserto?

São mestres impressores, que sustentam o seu dizer pois que o imprimem, são os mesmos impressores á vinda dos quaes se presume não ter sido estranho Luiz XI, e que o prior da Sorbonna chamou de Allemanha a Paris. Guilherme Fichet acha-se entre elles; interroga-os, vê-os trabalhar, e manifesta a sua satisfação ao seu amigo Roberto Gaguin n'esta carta toda cheia de entusiasmo e de admiração pelo inventor de tão maravilhosa arte. Entre esses tres mestres impressores conta-se Martin Krantz, que passa por ser filho ou parente de Pedro Krantz, que figura como testemunha no segundo processo de Gutenberg, em Mogúncia, no anno de 1455. Estava nas condições de saber a verdade. Os dois outros, Miguel Friburger e Ulric Gering, estavam igualmente bem informados. Vinham de Basiléa, e deviam conhecer mestre Bertholdo de Hanau, antigo servo de Gutenberg, que, bem cedo tinha vindo estabelecer-se como impressor n'esta cidade, onde elle ainda exercia a arte. Todos sabiam o que deviam pensar acerca do verdadeiro inventor da imprensa. E por metaphora que Fichet affirma que taes discipulos excedem já o mestre. Não é mister interpretar estas palavras no sentido de que os nossos tres typographos aprendessem a arte na officina de Gutenberg, mestre de todos e seu idolo. Poderia assim presumir-se com respeito a Martin Krantz, mas não no tocante aos outros. Nas nossas notas ineditas, possuímos a prova de que, na vespera do assedio de Mogúncia, em 1461, Miguel Friburger e Ulric Gering eram es-

tudantes na universidade de Basiléa, e obtinham o seu primeiro grau em companhia de um certo Gabriel Krantz, de Stein, do mesmo logarejo que João, prior da Sorbonna.

Os tres typographos, Ulric, Miguel e Martin, que a Sorbonna vinha de convidar, eram, no conceito de Fichet, os mestres da escola: *neque hoc loco nostros silebo qui superant jam arte magistros quorum Udalricus, Michael ac Martinus principes esse dicuntur.*

Assaz temos dito para mostrar o grau de confiança, que se deve depositar no testemunho de tres impressores que poderam conhecer o inventor da sua arte. É valiosa a sua auctoridade. Nomeámos Gering, Friburger e Krantz, que se associam para vir a Paris divulgar os segredos da arte typographica, e aqui annunciam o que vem fazer, revelando a todo o mundo o nome do inventor da sua nova industria. Fichet redige a sua declaração, que assignam para a posteridade, imprimindo-a elles mesmos nos seus prelos.

Eis por certo um documento, para assim dizer, contemporaneo (Gutenberg só morreu em 1468), um testemunho authentico e irrecusavel, superior a todos os outros conhecidos, o da chronica dos papas de Philippe de Lignamine, o da chronica de Colonia, o de Trithemio, etc.

É facil determinar a data da carta de Fichet. O *Liber orthographia* de Gasparini, á frente do qual ella está collocada, é, a nosso ver, o segundo livro impresso em Paris, na Sorbonna, *adibus Sorbonæ*, e pelas razões seguintes:

Os caracteres, que examinámos escrupulosamente, não têm nenhum signal de uso, e parecem inteiramente novos. Este livro seguiu-se ao primeiro, tendo sido executado, diz ainda Fichet, pelos impressores, que acabam de imprimir as cartas d'esse mesmo Gasparini correctas por João de la Pierre: *qui jam pridem Gasparini epistolas impresserunt quas Joannes Lapidanus emendavit.* Sabe-se que o primeiro livro impresso em Paris remonta ao fim do anno de 1469, ou começo de 1470 o mais tardar. Ora, sendo o prefacio do *Liber orthographia* de Gasparini datado do mez de janeiro—o primeiro dos tres ultimos mezes do anno, que começava então pelo Paschoa—segue-se que a carta de Guilherme Fichet a Roberto Gaguin é do fim d'esse mesmo anno de 1470¹.

(Traducção)

A. CLAUDIN.

¹ A proposito do artigo, que deixámos transcripto, devido á pena do sr. A. Claudin, mi erudito bibliographo e conceituado livreiro de Paris, occorre-nos lembrar e recomendar a leitura do miu curioso estudo do nosso distincto collaborador, o sr. P. Freitas, publicado a paginas 60, 74, 93, 128, 142 e 155 do 2.º volume d'esta revista.

A adversidade é a pedra de toque dos principios. Todo o homem que não soffreu mal sabe se é honesto. FIELDING.

A adversidade é o primeiro caminho para a verdade.

BYRON.

As dores nunca vem sós, avançam aos batalhões.

SHAKESPEARE.

Ah! O amor das mulheres, que deliciosa e terrível cousa!

BYRON.

IGREJA DO BOM JESUS EM GOA

A primeira ordem religiosa, que se estabeleceu em Goa foi a dos franciscanos observantes; a segunda, a tão famosa companhia de Jesus, que para esse effeito tomou posse do collegio de Santa Fé, fundado pelas diligencias de dois clerigos seculares, Michael Vaz e Thiago Borba, e pela liberalidade de D. Estevão da Gama, para instrução dos neophytos da India, do qual o mesmo Borba fizera doação a S. Francisco Xavier, chegado da Europa em 1542 com o governador Martim Afonso de Sousa.

Deram os jesuitas áquella casa o nome de collegio de S. Paulo; annos depois fizeram-lhe importantes obras, mas tornando-se doentia, fundaram o convento de S. Roque, no monte do Rosario, e o edificio de S. Paulo destinaram-no para casa de noviçado.

Em 1584 edificaram a casa professa do Bom Jesus; e alcançando posteriormente a igreja e collegio de Chorão e de Rachol, abandonaram as casas de S. Paulo e de S. Roque, conservando n'esta apenas alguns religiosos velhos e doentes,

fundaram o seu noviçado em Chorão e o seu collegio em Rachol, que eram a casa e a igreja da missão. Abandonados os edificios de S. Paulo e de S. Roque, como era de esperar, caíram em ruinas.

Extincta a companhia de Jesus, foi em 1761 a sua casa professa do Bom Jesus cedida, bem como o noviçado da ilha de Chorão, e a casa conventual de Rachol, aos missionarios italianos de S. Vicente de Paulo para ali estabelecerem seminarios.

Expulsos da India aquelles padres, em 1790, por não quere[m] sujeitar-se aos regulamentos, que lhe eram impostos pelo governador e pelo arcebispo primaz, foram substituidos no magisterio por portuguezes da mesma ordem, do convento de Rilhafolles, e clerigos da congregação do oratorio.

Por occasião de um incendio no Bom Jesus extinguiu-se o seminario ali existente; os de Chorão e Rachol vieram depois a fundir-se em um só.

A igreja do Bom Jesus, onde se guardam em precioso tumulo os despojos mortaes do grande apostolo das Indias, S. Francisco Xavier, templo magestoso, situado no antigo terceiro dos Gallos da vetusta cidade de Goa, foi começada a construir-se em 24 de novembro de 1594, sagrando-a o arce-



IGREJA DO BOM JESUS EM GOA

bispo primaz D. Fr. Aleixo de Menezes em 15 de maio de 1605. Correu com as despesas, que deviam ser enormes, D. Jeronymo Mascarenhas, como se vê de uma inscripção, que existe junto á porta do templo, e diz assim:

«Sepultura de D. Jeronymo Mascarenhas, capitão que foi de Cochim e Ormuz, a cuja custa se fez esta igreja, e em gratificação a companhia de Jesus lhe dedicou este logar.»

Mais tarde dispensaram os summos pontifices muitas graças e privilegios ao Bom Jesus, concedendo-lhe afinal o papa Urbano VIII indulgencias plenarias, iguaes ás que se ganham visitando as cinco principaes igrejas de Roma.

A fachada principal olha para oeste, é toda de granito, e de regular architectura. Tres solidos contrafortes sustentam a parede lateral do templo, do lado do norte, a qual termina n'uma graciosa balaustrada, que apenas descobre o cume do telhado. Este e o tecto da igreja foram reconstruidos em 1862, durante o governo do conde de Torres Novas.

A igreja de Bom Jesus é de uma só nave, muito ampla e alegre: passada a celebre gradaria de *sisso*, que separa o cruzeiro do corpo da igreja, do lado do evangelho é a capella de S. Francisco de Borja, do lado da epistola a de S. Francisco Xavier, tendo á entrada a sepultura rasa que encerra os ossos

de D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, depois marquez de Lourical, que duas vezes foi vice-rei da India, e falleceu em 12 de julho de 1741. No altar mór ha um precioso retabulo em que se vê a colossal imagem de Santo Ignacio de Loyola.

O edificio, que a estampa mostra unido á igreja é a antiga casa professa do Bom Jesus, mandada construir pelos padres da companhia em 1584, como já dissemos.

Tem tres andares, para os quaes se sobe por larga e bem lançada escadaria, e em que se encontram vastas accommodações e dependencias adequadas ao primitivo destino. Acha-se em soffrivel estado de conservação.

Em outro artigo nos occuparemos especialmente da capella, riquissimo altar e soberbo tumulo de S. Francisco Xavier, cuja vida portentosa o nosso classico João de Lucena escreveu com tanta eloquencia e primores de locução.

F. PEREIRA e SOUSA.

Um olhar pôde matar o amor—um olhar pôde volver-o á vida.

SHAKESPEARE.

OS PRIMEIROS JORNAES LITTERARIOS

(Conclusão)

O primeiro periodico litterario portuguez de que ha noticia é o *Folheto de ambas Lisboas*, que se attribue a Jeronymo Tavares de Mascarenhas de Tavora.

Que essa publicação era introduzida como novidade em Portugal claramente se deprehe do seu artigo de apresentação: Diz elle: «Costume louvavel he nos Reynos estranhos... o uso do folheto. Folheto, senhores meus, he palavra estranha natural da Italia e vale o mesmo que bugiaria: he um raboleva da Gasetta e he uma noticia chocarrice, he um desenfado por modo de novidade e he um saineite como esgaravador do appetite, palito no banquete da ociosidade...»

«O que eu seguro he que he uma cousa que a pouco custo faz rir a gente, se ella quiser...»

Este folheto, mal redigido e sem a tal pretendida graça que inculcava, durou apenas um anno. Foi no entanto uma tentativa, mas tentativa que ficou isolada por muitos annos sem que achasse seguidor ou imitador.

Em 1751 saiu em Londres o *Amusement périodique* escripto pelo celebre cavalheiro d'Oliveira, portuguez dos quatro costados, que havia fugido de Portugal para escapar ás fogueiras da Inquisição por causa das suas doutrinas pouco orthodoxas e idéas em extremo avançadas. Essa interessantissima publicação mais conhecida pelo titulo de *Discursos historicos, politicos, moraes, philosophicos e criticos*, qui trazida para o reino quasi que ás occultas, deu origem a outros folhetos intitulados *O Anonymo* (1725-1754) e ao *Occulto Instruido* (1756), cujos auctores, se bem que escondidos na sombra da sua modestia ou dos seus receios, poderam ser descobertos. O do *Anonymo* foi o beneficiado Bento Morganti.

A estes folhetos seguiram diversos jornaesinhos, alguns d'elles sem merito algum, a não ser o da novidade n'aquelle tempo tão falho de publicações d'essa ordem. As *Tardes de Maio*, em 1758, por José da Costa Coimbra; a *Academia dos Humildes e Ignorantes* (1759-1770) por frei Joaquim de Santa Rita, e as publicações moraes e philosophicas do medico José Angelo de Moraes, intituladas *Semanas proveitosas*, e escriptas sob o anagramma de *Osan de Maregello*.

Convem notar que nenhuma d'estas publicações tinha uma feição accentuadamente litteraria. Umas limitaram-se a discursos moraes, outras a palestras scientificas, algumas a dialogos entre personagens ficticios que o auctor punha ante os olhos do leitor. Esses interlocutores eram de ordinario o vizinho boticario, um estudante, o mestre escola, um abba de, o doutor, etc., trocando-se a conversação entre eells sobre diversos assumptos que prendiam com a historia, as artes, as sciencias, etc.

O primeiro jornal a que pôde com toda a justiça dar-se a classificação de litterario, pois que n'elle se mostra, alem da boa escolha de assumptos, o bom methodo na sua exposição, e se revela em cada uma das suas paginas grande erudição e até *universalidade de conhecimentos no seu auctor*—é a *Gazeta Litteraria* escripta em 1761-1762 pelo padre Francisco

Bernardo de Lima. Esta obra foi protegida pelo brigadeiro João de Almada de Mello, governador geral da cidade do Porto; e abençoado patrocinio foi esse, porque d'ahi em diante é que o nosso jornalismo litterario começou a desenvolver-se e a lançar fecundas e beneficas raizes na instrução do povo. D'ahi em diante o caminho, traçado pelo padre Bernardo de Lima, estava aberto e franqueado a muitas outras intelligencias que não tardaram a cultivar-o. Em 1779 appareceu o celebre *Jornal encyclopedico* de Felix Antonio Castrioto, publicado com privilegio real e continuado pelo dr. Manuel Joaquim Henriques de Paiva.

A este seguiram-se o *Memorial historico, politico e litterario* (1794-1797); as *Tardes divertidas* do padre Francisco Manuel da Silveira, e por fim as *Variiedades litterarias* (1801-1805) que, segundo o auctor do *Diccionario bibliographico*, foi a primeira obra recreativa que entre nós se publicou.

Estas *Variiedades*, nas quaes—força é confessal-o—pouca variedade encontrámos, constam de vinte e oito numeros formando cinco pequenos volumes in-8.º Foram coordenados pelo padre Antonio da Visitação Freire de Carvalho e por seu irmão José Liberato Freire de Carvalho (mais tarde o grande jornalista) e editados pelo livreiro Antonio Manuel Polycarpo da Silva.

Só tarde e bem tarde é que appareceram as *revistas*. A primeira pôde dizer-se que foi o *Jornal de Coimbra*, publicado de 1812 a 1820, e redigido por José Feliciano de Castilho, Angelo Ferreira Diniz, Jeronymo de Figueiredo e J. J. Mendonça Cortez. Consta de doze volumes. É hoje de grande valia e raridade. A bibliotheca nacional possui duas colleccções. A *Revista estrangeira*, publicada em Coimbra, em 1837, pelo bacharel José Pereira dos Reis, e continuada no Porto em 1838, com o titulo de *Revista litteraria*, deve com justiça ser classificada como o inicio das modernas revistas litterarias e scientificas.

Finalmente, para concluir este artigo, que já se vae tornando demasiadamente extenso e enfadonho, diremos mais algumas palavras pelo que respeita aos jornaes illustrados. Quaes foram os primeiros?

É embaraçoso responder com precisão. A gravura applicada aos jornaes é invenção moderna; não affiançamos como certo, mas parece-nos que o primeiro jornal que no paiz se publicou, adornado de estampas, foi o *Porto illustrado*, *semanario pittoresco*, saído n'aquella cidade em 1833.

Em 1834 a Sociedade escolastico-philomatica, da qual era director Antonio José da Cunha Salgado, publicou a *Galeria pittoresca*, que foi um arremedo do *Magasin pittoresque de Paris* e do *Penny Magazine*, de Londres.

Só mais tarde é que appareceram as celebres publicações intituladas *Panorama*, *Archivo popular* e *Universo pittoresco*, a guarda avançada dos jornaes illustrados, que depois invadiram as livrarias, reunindo assim o util com o agradável, e segundo o preceito horaciano, que é o que melhor nos falla aos sentidos.

SILVA PEREIRA.

Ai de nós! As nossas afeições jovens não correm senão para a sua perda e banham apenas um deserto.

BYRON.

ASSUMPTOS VARIOS

Eu detesto os homens rancorosos. Essa gente é má. Quem aborrece e não ama, não pôde ser virtuoso, nem pôde ser livre—porque a liberdade é a humanidade. (*Passos Manuel—Discursos.*)

W. E. Canning publicou os seguintes conceituosos pensamentos, cuja traducção pertence a Lopes de Mendonça, tão intelligente quão desditoso escriptor.

O homem é grande pela sua qualidade de homem, qualquer que seja a profissão que exerça e o lugar que ocupe na sociedade. Toda a distincção exterior torna-se insignificante diante da grandeza da sua natureza. A força da intelligencia, a consciencia, o amor, o conhecimento de Deus, o sentimento do bello, a acção sobre si mesmo, sobre a natureza externa e sobre os nossos semelhantes, são seguramente gloriosas prerogativas: é o mau habito de depreciar, o que é commum a todos, que nos faz suppor que são cousas de pouco valor; mas como na criação exterior, o que é commum é evidentemente o mais precioso.

A força do pensamento é a medida da grandeza intellectual, como a firmeza das convicções é a medida da grandeza moral, do mais nobre dom concedido á humanidade, da mais esplendida manifestação do poder supremo.

Uma das grandes desgraças da sociedade é que os homens occupados constantemente de mesquinhos pormenores não possuem idéas geraes, principios fixos e vastos. Assim, muitos que não são malevolos, tornam-se irresolutos, e quasi sempre inconstantes como se fossem creanças grandes em vez de homens. Possuir a força de espirito que concebe as verdades universaes, e a ellas se sabe ligar, é a mais nobre educação da intelligencia, e o que ha de mais admiravel é que ella se combina com a cultura do principio moral e do principio religioso.

Não se pôde, sem injustiça infinita, converter em simples instrumento dos interesses de outrem um ente racional e moral. Elle é necessariamente um fim, e não um meio.

O fundamento da educação do homem existe em sua natureza, e não na sua profissão. As suas faculdades devem ser cultivadas, em nome da sua propria dignidade, e não em vista meramente da sua applicação exterior. O homem deve ser instruido por que é homem, e não por fabricar sapatos, pregos ou alfinetes. Um officio não é evidentemente o fim da sua existencia, porque o seu espirito não se absorve n'elle completamente. Um officio não exhaure a força do pensamento. O homem tem faculdades que esse trabalho não pôe em acção, e profundas necessidades que elle não satisfaz.

O homem, como já disse, deve cultivar-se a si proprio, porque é homem. Deve começar com a con-

vicção de que tem em si alguma cousa de superior a tudo quanto existe na criação material, e em todas as cousas que influenciam os seus olhos e ouvidos; deve comprehender que o progresso interior tem em si mesmo um valor e uma dignidade totalmente distinctas do poder que nos faculta sobre os objectos exteriores. Sem duvida um homem deve tratar de melhorar a sua posição; mas deve primeiro que tudo tratar de melhorar-se a si proprio; se não reconhece outro emprego mais nobre de espirito que fatical-o em proveito do homem, é mister perder a esperança de o regenerar.

Não devemos nunca esquecer que o grande fim de um governo, a sua missão mais elevada não é fazer estradas, conceder empregos, dar incremento a melhoramentos maritimos; mas prevenir ou reprimir os crimes contra os direitos individuaes e contra a ordem social.

A respeito do malgrado traductor dos pensamentos que vimos de apresentar, temos por approposado copiar da *Revolução de setembro* uns periodos que abrem a primeira das *Cartas profanas* dirigidas por Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos a Antonio Rodrigues Sampaio, ambos consummados jornalistas.

Eis os periodos:

Lembra-se, meu bom e amigavel collega, do tempo em que eu estive doente na sua casa da rua de Santo Antonio, á Estrella? Parece que foi hontem, e já lá vae um anno! Já depois d'isso saiu o pobre Lopes de Mendonça do mundo dos vivos para a vasta região dos semi-mortos! Coitado! Nem mais se fallou n'elle! Pois era um moço de talento, e podia ser um cidadão prestavel, se á força de quererem que subisse para baixo, não dessem com elle no hospital dos doidos.

Não ria do meu subir para baixo. Olhe que o facto não se pôde exprimir de outro modo. Pois elle era o rei dos folhetinistas. Tinha nascido para o folhetim, mas longe d'elle. Poz-se a caminho, chegou lá, conquistou o lugar e disse—*aquí govêrno eu*

Et par droit de conquête et par droit de naissance,

e governou bem, muito bem, admiravelmente. Vae depois mettem-lhe na cabeça que abdique, e que conquiste um lugar de consul na republica dos sabios. Caiu no logro, coitado! E começou a descer do throno, a descer, a descer.—No ultimo degrau deu com a porta de Rilhafolles!

Paciencia. Já agora não tem remedio! Mas a pena de que o estragassem cá me fica. Nem o Julio Cesar Machado¹ m'a faz passar, e mais succedeu-lhe mui legitimamente, a contento dos tres estados, e reina n'aquellas regiões com pericia de excellentes escriptor, com bondade de santo e com cortezia de cavalheiro. Mas porque não haviam de ser dois em lugar de um, tantos são elles na nossa terra?

¹ Recentemente extincto, deixando immersos em profunda e indefectivel saudade os seus amigos, os seus collegas e os seus admiradores.

Só ha uma felicidade—o dever.
Só ha uma consolação—o trabalho.
Só ha um goso—o bello.

—A vida é uma arte em que se não costuma passar de curioso ou amador; para se chegar a mestre, é preciso verter sangue o coração. (*Carmen Sylva*—pseudonymo da rainha da Roumania.)

O homem ignorante é — como sensatamente disse Henriques Nogueira, escriptor abalisado e rectissimo¹ —; o homem ignorante é, por via de regra, mau operario e mau chefe de familia. Dominado por suas paixões, sujeito aos embustes dos especuladores, victima de alheios interesses e ambições, mais temeroso que respeitador das leis, torna-se quasi sempre instrumento brutal de violencias e tyrannias.

O sr. conselheiro José Sylvestre Ribeiro — exemplo de inteira dedicação á liberdade e á patria² — nas *Resoluções do Conselho do Estado*, que colligiu e explicou, referindo-se á obediencia que se deve á lei, diz mui eloquentemente:

Acostumemo-nos por uma vez ao cumprimento exacto e fiel da lei e sómente da lei; deixemos para sempre os arbitrios, os expedientes de momento, abandonemos o systema de *governar* em tudo; e procuremos diminuir os inconvenientes de uma excessiva centralisação de poderes e de acção, que pela maior parte transtornam o movimento regular da machina administrativa, e prejudicam a verdadeira liberdade dos povos.

JOSÉ ANTONIO DIAS.

¹ A respeito d'este benemerito cidadão lê-se na *Federação* (Vol. II, n.º 18), artigo firmado pelo sr. Pereira e Sousa, um dos seus redactores:

Amigo mais sincero e desvelado nunca o tiveram as classes laboriosas; todas as suas locuções e estudos tendiam a promover o melhoramento do estado social. Amava a liberdade pela liberdade, e apesar de possuir limitada fortuna, nunca solicitou emprego publico, nem frequentou as antecamaras dos ministros.

Não se inculcava nem se impunha; não desdenhava a popularidade, mas tambem não buscava adquiril-a lisonjeando as paixões dos partidos, nem incensando as vaidades individuais.

² Sob o titulo *Factos da Historia Nacional* publicou o sr. E. A. da Rocha Dias, primeiro tachygrapho da Camara dos Dignos Pares do Reino, um livro, em que os factos mais salientes da vida d'aquelle venerando cidadão se encontram minuciosamente compendiados n'uma extensa serie de interessantes e autenticos documentos.

BIBLIOGRAPHIA

Acabámos de ler o folheto em que o distincto explorador major Henrique de Carvalho analysa e desfia por completo o trabalho do reverendo Horace Waller *Nyassaland*.

Se algum espirito portuguez tem duvidas sobre a falta de lealdade que constante e ininterruptamente nas questões africanas têm usado para conosco *os nossos fieis aliados*, leia esse livro onde as declamações foram substituidas por factos e de fontes *insuspeitas*, e se ellas continuarem a assetel-o então aconselhámos-lhe que se desnacionalise, porque real-

mente já não póde nem deve pertencer á communitade historica que no mundo se chama Portugal.

Doe-nos profundamente em nome da civilisação ver que merecem ser assim tratados os cidadãos de um paiz que a essa civilisação tem prestado serviços, que no seu patrimonio scientifico e litterario conta alguns dos maiores nomes da Humanidade, e até nem comprehendemos a contradição flagrante entre a dobléz, a hypocrisia e a má fé da nação ingleza nas suas relações para conosco, por exemplo, e as suas incontestaveis qualidades e o valor real de muitos dos seus filhos; mas applaudimos do coração a nobilissima, a altiva coragem com que o major Carvalho castiga a arrogancia e vilania com que temos sido tratados por quem tão grandes serviços nos deve.

Na quadra que atravessámos, toda de accomodatias transigencias, de baixos egoismos e de criminosa apathia, haver ainda quem se indigne, quem se enthusiasme, quem se sacrifique, vae parecendo mythologico, e ter o desassombro de dizer como tão dignamente o diz o auctor que antes «desapparecer com honra diante da brutalidade dos famintos ingleses» do que ceder, deve ser de provocar frouxos de riso a todos os *prudentes e avisados* conselheiros Acacios da nossa mal aventurada patria, e de causar engulhos ao Chiado e á Havaneza tão patriotas e tão sabios...

Crea o benemerito portuguez que perdeu sensivelmente no conceito das pessoas sisudas cá da terra; mas como por felicidade se deve sentir satisfeito com a sua consciencia, deixe-os rir, emquanto nós, que tambem somos dos ingenuos que o applaudimos e nos commovemos ao ler as paginas que escreve, paginas onde ha isto — um character e uma alma, — pedimos aos deuses que oxalá esse riso não venha breve a transmudar-se em lagrimas...

Mas não fallemos em cousas tristes, e limitemo-nos a agradecer ao auctor a offerta do exemplar com que nos distinguiu, e que tanto nos aqueceu e elevou o espirito, embora ao mesmo tempo tanto e tanto o assombresse...

A musa loura

Eis um d'aquelles finos acepipes espirituaes que Beldemonio de quando em quando offerece ás gentes.

N'aquelle sua forma litteraria e tão bella, com aquelle seu estylo tão penetrante e tão lucido qualquer simples assumpto toma as proporções de um estudo em que ha pedaços de psychologia viva, senão do assumpto, ao menos do auctor; no caso presente, porém, o assumpto é por si todo um mundo, porque se trata de um estudo d'alma na sua phase infantil, trata-se da historia de Bêbé, e por isso duplo interesse em ler o pujante e ao mesmo tempo delicado prosador do *Arauto*, das *Vespas*, da *Má lingua* e de tantas outras publicações tão altamente apreciadas pelos que ainda amam as letras portuguezas.

A edição é um encanto, e em tudo se nota o gosto de Beldemonio, a quem vivamente agradecemos o haver-se lembrado de nós.

AFFONSO VARGAS.